

SER E ESTAR CRIANÇA EM UM GRUPO TERAPÊUTICO A PARTIR DO MOVIMENTO VITAL EXPRESSIVO (MVE): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Being a child in a therapeutic group as of the vital expressive movement (vem): an experience report

Ser y estar niño en un grupo terapéutico del movimiento vital expresivo (evm): un informe de experiencia

Farias, A.Z., Mazak, M.S.R., Viaro, R.C., & Barros, L.P. (2021). "Ser e estar criança em um grupo terapêutico a partir do movimento vital expressivo (MVE): um relato de experiência. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(5), 639-646. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto42335.

Resumo

Contextualização: Atualmente, há uma demanda significativa de encaminhamentos médicos aos serviços terapêuticos quanto às hipóteses diagnósticas de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Contudo, identificam-se outros vislumbres de compreensão e cuidado à infância. **Processo de intervenção:** Assim, este artigo busca descrever e analisar a prática da terapia ocupacional em um grupo de Movimento Vital Expressivo, com crianças, em um dispositivo de cuidado no interior de São Paulo. **Síntese das considerações:** A partir da descrição dos encontros realizados, à luz do Sistema Rio Aberto e do arcabouço teórico da Terapia Ocupacional, considera-se que práticas de cuidado que respeitam as formas de ser e fazer das crianças corroboram na construção de possibilidades de produção de vida.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Saúde Mental. Criança

Abstract

Contextualization: Currently, there is a significant demand for medical referrals to therapeutic services regarding the diagnostic hypotheses of children with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). However, other glimpses of understanding and care for children are identified. **Intervention/Follow-up process:** Thus, this article seeks to describe and analyze the practice of occupational therapy in a group of Vital Expressive Movement with children in a care device in the interior of São Paulo. **Synthesis of Consideration:** Based on the description of the meetings held in the light of the Rio Abierto System and the theoretical framework of occupational therapy, it is considered that experiences like this corroborate the construction of practices that respect the ways of being and doing of children.

Keywords: Occupational Therapy. Mental Health. Child

Resumen

Contextualización: Actualmente, existe una importante demanda de derivaciones médicas a servicios terapéuticos en relación con las hipótesis diagnósticas de los niños con trastorno por déficit de atención e hiperactividad (TDAH). Sin embargo, se identifican otros destellos de comprensión y cuidado de los niños. **Intervención / Proceso de seguimiento:** Así, este artículo busca describir y analizar la práctica de la terapia ocupacional en un grupo de Movimiento Expresivo Vital con niños en un dispositivo de cuidado en el interior de São Paulo. **Síntese de consideraciones:** A partir de la descripción de los encuentros realizados a la luz del Sistema Río Abierto y el marco teórico de la terapia ocupacional, se considera que experiencias como esta corroboran la construcción de prácticas que respetan las formas de ser y hacer de los niños.

Palabras clave: Terapia Ocupacional. Salud Mental. Niño

Aline Zacchi Farias 

<https://orcid.org/0000-0003-2231-2171>

Universidade Federal de São Carlos.
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, São Paulo, Brasil

Mayara Soler Ramos Mazak 

<https://orcid.org/0000-0002-4966-6159>

Universidade Federal de São Carlos.
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, São Paulo, Brasil

Raissa Cristina Viaro 

<https://orcid.org/0000-0001-6846-8353>

Universidade de São Paulo.
Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. São Paulo, São Paulo, Brasil.

Laura Pozzana de Barros 

<https://orcid.org/0000-0003-1571-0315>

Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

1. Contextualização

Este relato traz sobre um grupo de crianças coordenado por uma terapeuta ocupacional (TO), no serviço de cuidado integral à criança no interior de São Paulo, através do Movimento Vital Expressivo (MVE), que atua no sentido de despertar a presença dos participantes a partir da mobilização corporal e suas relações.

2. Processo de intervenção/acompanhamento

A experiência do grupo de MVE foi realizada com crianças de quatro a sete anos, coordenada por uma TO. Essa prática trabalha o aspecto corporal, expressivo, coletivo e lúdico, sendo potente para os aprendizados. O grupo ocorreu de agosto a dezembro de 2019, totalizando 20 encontros semanais, com duração de 1h30min, em um ambulatório da rede pública de saúde à criança no interior de SP.

Tal oferta surgiu pelos encaminhamentos médicos quanto às hipóteses diagnósticas de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Caliman et al. (2020) apontam o crescente número de diagnósticos de TDAH, da medicalização das crianças, como também de queixas atencionais pelas escolas e famílias.

Há uma polarização nos discursos frente a este cenário de profissionais e acadêmicos da saúde e educação quanto àqueles que “defendem sem críticas o diagnóstico biomédico de TDAH, e os que questionam a própria existência deles” (Caliman et al., 2020, p. 168). Para além dessa dicotomia, é importante a desnaturalização da centralidade biomédica e medicamentosa sobre o tema e a emergência do cultivo de novos ecossistemas de cuidado, que possam agir de forma menos individualizante, valorizando os processos relacionais e coletivos (Caliman et al., 2020).

Assim, buscou-se outras vias de tratamento complementares à abordagem biomédica. De acordo com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde - PNPIC - (Brasil, 2006), práticas como a do MVE buscam atender ao cuidado continuado, humanizado e integral em saúde e às diretrizes que enfatizam a escuta acolhedora, o desenvolvimento do vínculo terapêutico e a integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade.

Diferentemente de se fomentar um espaço a partir da tipificação de sintomas e na intervenção sobre eles, o grupo foi construindo estratégia de cuidado coletiva, que pudesse acolher e transformar as percepções e as relações das crianças com elas mesmas, com pares e suas famílias.

O raciocínio clínico, na lida com as crianças, esteve atento à expressão livre e criativa delas, para que se reconhecessem em sua totalidade. O MVE foi proposto como um convite à conscientização corporal, à vivência do simbólico e do criativo.

O MVE é uma das técnicas do Sistema Rio Aberto. Para além dele, utilizam-se massagem, trabalho sobre si, expressão, liberação da voz, respiração, centros de energia e contemplação. Dessa forma, o objetivo

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 4(5), 639-646, 2021.

principal foi possibilitar que as crianças experimentassem, de maneira lúdica, diferentes movimentos, posturas, expressões e sentimentos. Além disso, a prática propiciava um âmbito de convivência que permitiu a emergência de uma coletividade, como sugere Pozzana (2008, p.6):

[...] o método do Rio Aberto se desdobra através da Roda, que é como os participantes se dispõem nas atividades, e, também, através de uma imitação inventiva, que é como o instrutor convida-os a transitarem por outros modos de existência. Faz-se acesso ao coletivo, e, com ele, corpos são movidos em conexão com o 'si' e com o 'mundo'.

O MVE tem como premissa a conexão com a vitalidade, alegria e prazer do movimento, onde é experimentado um amplo leque de expressões, gestos e posturas (Pozzana, 2008). Como prática, desenvolve-se em cinco fases denominadas: a) fase nutrícia, que engloba o esvaziamento, ativação e mobilização; b) expressão de si; c) conscientização; d) irradiação; e e) operacionalização.

Desse modo, buscou-se ultrapassar o binômio doente/doença, na medida em que se entende que cada sujeito é único, especialmente quando falamos da infância e de processos de adoecimento. Abaixo será apresentado como foram realizados os encontros, divididos nas quatro fases, conforme as orientações do MVE:

Conhecer-se e se apresentar

Os dois primeiros encontros consistiam na apresentação da profissional às crianças e vice-versa. Eram momentos de trocas sobre si, como também de um conhecer mais atento do espaço e materiais.

Os pactos do grupo foram elucidados conjuntamente para desenhar pistas sobre o convívio. O MVE foi abordado no grupo, numa linguagem acessível, sendo exemplificado, a partir de comparações, com uma brincadeira que todos conheciam - Siga o mestre.

Auxiliados pela música, pela roda e pelo alinhamento dos centros energéticos², abriram-se caminhos para gestos mais genuínos e não apenas fixados no já conhecido. Transitou-se pelas diversas possibilidades posturais e emocionais, dando passagem para uma tomada de consciência de quem se é e da relação de pertencimento ao grupo (Pozzana, 2008).

Fase Nutrícia

Esvaziamento - Chegar e Aconchegar

Neste momento, as crianças poderiam relatar fatos que aconteceram na semana que foram importantes para elas. Ao mesmo tempo, a partir do balanço em roda e da mediação da profissional, algumas orientações eram feitas no sentido de ficarem atentas àquele espaço e aos integrantes do grupo.

¹ No Rio Aberto o conceito de centros de energia inspira-se nos conhecimentos do Hatha Yoga, porém a partir de posturas corporais dinâmicas que tem o objetivo de alinhar, canalizar e expressar a energia dos Chakras para um melhor desenvolvimento pessoal (Pozzana, 2008).

Era proposto também notar a percepção do corpo, como ilustrado a seguir: “vamos reparar nos nossos pés, mexer os dedinhos dele...”. E os movimentos com os braços, pernas e soltura do corpo: “vamos soltar o ar pela boca, como se a gente fosse assoprar uma vela...”. O esvaziamento se torna importante, pois dá abertura para se despedir, por um instante, das camadas externas que se constituem de medos, inseguranças, mandatos e fixações corporais (Pozzana, 2008).

Ativação e Mobilização - Entre o Seguir, Criar e Brincar

Após isso, iniciava-se a brincadeira do Siga o Mestre, com música. Envolvia movimentos aleatórios desempenhados pelas crianças, e algumas se lembravam de outras brincadeiras de seus cotidianos. Este era um momento que envolvia muita energia e mesclava movimentos de mãos dadas, ora em roda, ora um olhando uns para os outros, sem as mãos.

As crianças partiam para diferentes solicitações. Por vezes, era passar pela imitação de animais, de personagens ou mesmo figuras de pessoas que elas conheciam. Havia risadas, incômodos, a permissão de sentir, ser, estar junto e criar confiança.

Esta fase ajuda a ativar o corpo físico como um todo, trazer a inteligência orgânica do mesmo e acordar partes adormecidas do esquema corporal, como também cria espaços para trazer emoções e sentimentos percebidos no grupo (Pozzana, 2008).

Fase Expressão de Si - Livre ser e criar

Contemplava modos mais livres da expressão de si. As crianças geralmente escolhiam materiais artísticos para fazerem desenho, enquanto outras pediam para se deitar nos travesseiros ou se enrolar em tecidos. Esta fase tem como principal objetivo desenvolver a capacidade de se mover criativa e livremente.

Fase Conscientização de Si - (Re) conhecer e transbordar

Diferentemente dos adultos, que muitas vezes estão fixados pelos movimentos automatizados que os constituem, as crianças fluíam com muita facilidade na multiplicidade de experimentações possíveis.

A potência acontecia também em estar atento a estes movimentos, como observadores, sem julgamentos, quanto ao que havia sido identificado, ou seja, como aqueles corpos se encontravam naquele tempo-espaço: sobre os diferentes estados, da relação e interação com a instrutora e os colegas. Era comum escutar algumas falas: - “Hoje consegui rolar”, “Não esbarrei, desta vez, nos meus amigos”, “Estava mais preguiçoso”, “Me senti como um super-herói”.

Fase Irradiação - Entre a Despedida e o Operar Fora

Consistia na volta de todos à roda, de mão dadas, com movimentos mais leves. Havia troca de como foi o encontro e respirações para finalizar. Uma vez, uma criança pediu para fazer uma meditação, que

havia aprendido na televisão, para fechar este momento de despedida, algo que nos sinalizou engajamento dela na proposta.

Fase Operativa do Ser e Ser em Ação – As transformações no cotidiano

Foi possível perceber algumas transformações, como a entrada e saída do grupo, antes, meio “atropelada”, foi tomando outras formas. As crianças esperavam umas às outras, o espaço de si e do outro era mais visível, numa construção de muito afeto. Uma criança ensinava a outra, o que, às vezes, antes era motivo de muita impaciência. Em casa e na escola, os pais também sinalizaram mudanças relacionais e nas atividades cotidianas.

Ainda, mensalmente, eram feitos encontros apenas com as famílias, pois, entendia-se também a necessidade de transformação dos olhares e lida com as crianças em casa e em outros espaços.

Isto era feito na proposta de roda de conversa, para devolutivas e questões produzidas nos encontros, bem como acolhimentos e levantamento de estratégias que deslocassem a convivência, em parte, permeada pelo controle, para modos de operar mais potentes e inventivos no cotidiano da família e das crianças. Fernandes (2019) aponta que estratégias como essa, em parceria com as famílias, resguardam o direito à saúde mental infantojuvenil, favorecendo o desenvolvimento pessoal, emocional e social da criança.

3. Análise Crítica da Prática

As crianças vivem cotidianos heterogêneos pelas diversidades sociais, culturais, históricas e socioeconômicas, o que leva a compreensão da existência de infância(s) e não de uma única forma de existência normativa sobre o que é ser criança (Pastore & Barros, 2015). As questões individuais e estruturais das sociedades das quais elas fazem parte vão delineando as posições sociais ocupadas pelas crianças, que mobilizam diferentes modos de ser, de vir a ser e estar dentro dos contextos familiares, escolares, sociais, comunitários, entre outros (Pastore & Barros, 2015; Pastore, 2020).

Algumas (a)diversidades, como o TDAH, fazem emergir a atenção no campo da saúde e para a terapia ocupacional, quanto ao cuidado da participação das crianças em suas atividades com mais autonomia, de modo a serem menos interdidas as diversas experimentações em suas vidas cotidianas e sendo respeitadas em suas singularidades nos diversos contextos em que se encontram (Matsukura & Salles, 2016).

Pensar em estratégias que contemplem as sutilezas da infância e que respeitem as formas de fazer e agir no mundo são essenciais, visto que a experiência aqui relatada possibilitou um espaço seguro e livre de julgamentos e mandatos sociais frente às diversas possibilidades de (re)conhecer, expressar-se e se tornar (American Academy of Pediatrics, 2016).

Para Liberman & Maximino (2015), entende-se o corpo como sede de toda a experiência, isto é, como pulsão vital para o existir e de passagem para as transformações na cotidianidade das pessoas. Sendo assim, o corpo é entendido como um dos elementos centrais de ação para a Terapia Ocupacional.

O MVE compreende “corpo(s)” como âncora de processos que se dão de modo transitório em suas formas e composições, continuamente modificadas ao longo da vida. Processos estes que não ocorrem de modo privado e individual, mas em constantes atravessamentos de forças coletivas (Pozzana, 2008).

Neste sentido, o MVE, que é uma formação abrangente a diversas pessoas no Rio Aberto, incluindo a terapia ocupacional, mostrou-se, a partir desta experiência, um dispositivo potente nos encontros cotidianos, nos territórios existenciais dos participantes, convergindo para a (co)criação de novos agenciamentos de ser e estar no mundo, em sua totalidade, fortalecendo as relações afetivas e de pertencimento (Ferigato, 2008; Lima et al., 2011).

Essa experiência emergiu da necessidade de novos e alternativos espaços de cuidado, que visem o fortalecimento de relações de apoio social e comunitário, pela abordagem do acolhimento, por meio das redes de apoio e de técnicas para o autoconhecimento, do desenvolvimento de si e das emoções que refletem nas relações cotidianas das crianças (Furlan et al., 2021).

3. Síntese de considerações

Considera-se que os objetivos dessa análise foram atingidos, visto que se buscou relatar como experiências como esta corroboram na construção de práticas que respeitam o ser e o fazer da criança, olhando para elas a partir de seus olhares, falando a partir da escuta de seus corpos, modos de dizer e de estar em grupo. Vislumbra-se que práticas terapêuticas ocupacionais futuras possam se dar ainda mais em sintonia com o potencial afetivo e inventivo das crianças, contribuindo para um cotidiano com mais possibilidades de bem-viver a essa população.

Referências

American Academy of Pediatrics. (2016). Mind-Body Therapies in Children and Youth. *Pediatrics*, 138(3), e20161896. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1896>

Brasil. *Portaria nº 2.488*, de 21 de outubro de (2011). Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html

Brasil. Portaria Ministerial nº 971, em 03 de maio de (2006). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC). https://saude.mg.gov.br/index.php?option=com_gmg&controller=document&id=874

Caliman, L. V., César, J. M., & Kastrup, V. (2020). Práticas de cuidado e cultivo da atenção com crianças. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, 16(4), 166-195. <https://doi.org/10.5965/198431781642020166>

Ferigato, S. H. (2008). O Agir Criativo em Terapia Ocupacional: Uma Reflexão Filosófica a partir dos paradoxos da contemporaneidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 15(2), 131-137. <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/142/99>

Fernandes, A. D. S. A (2019). *Cuidado em Saúde Mental Infantojuvenil na Atenção Básica à Saúde: Práticas, Desafios e Perspectivas*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11798>

Furlan, P. G. et al. (2021). Práticas integrativas para o cuidado em saúde e o suporte social no ambiente universitário: Yoga, meditação e Reiki. *Cadernos da Pedagogia*, 15(31), 150-161. <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1543/587>

Liberman, F. & Maximino, V. (2015). Planos grupais e experiência estética: friccionando ideias, emoções e conceitos. In V. Maximino, & F. Liberman. (Org.). *Grupos e terapia ocupacional, formação, pesquisa e ações* (pp. 115-127). Summus Editorial.

Lima, E. M. F. A. (2006). A saúde mental nos caminhos da terapia ocupacional. *O mundo da Saúde*, 30(1), 117-122. http://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo_saude/34/saude_mental.pdf

Lima, E. M. F. A., Inforsato, E. A., Quarentei, M. S., Dorneles, P. S. & Castro, E. D. (2011). PACTO: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 19(3), 369-380. <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2011.010>.

Matsukura, T. S. & Salles, M. M. (2016). Conceitos de Ocupação e atividade: Caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In T.S. Matsukura & M.M. Salles (Orgs.), *Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental* (pp. 13-37). EdUFSCar.

Pastore, M. N. & Barros, D. D (2015). A cultura do brincar e a socialização infantil: percepções sobre o ser criança numa comunidade moçambicana. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(3), 599-609. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO1172>

Pastore, M. D. N. (2020). O tempo do brincar: narrativas visuais a partir de experiência etnográfica (Ensaio Fotográfico). *Revista da Fundarte*, 42(42), 1-11. <http://dx.doi.org/10.19179%2F2319-0868.831>

Pozzana, L. (2008). *O Corpo em conexão: Sistema Rio Aberto*. Niterói.

Contribuição dos autores: Todas as autoras contribuíram para: concepção do texto, organização de fontes e análises, redação do texto e revisão.

Agradecimentos: Às crianças e aos familiares que se disponibilizaram e confiaram na oferta de cuidado e de promoção de saúde. Aos professores da Clínica Movimento Centro de Terapias e Cursos do município de Campinas que formam novos instrutores do Sistema Río Abierto com ética, responsabilidade e afeto. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 4(5), 639-646, 2021.

Ao Sistema Único de Saúde e aos profissionais que o compõem de modo a fomentar novas formas de cuidado, público e gratuito.

Recebido em: 15/03/2021

Aceito em: 06/07/2021

Publicado em: 09/11/2021

Editor(a): Carla Cilene Baptista Silva